

## AMOR, DESEJO, TRAIÇÃO, HIPOCRISIA: RETRATOS DO REALISMO EM “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIRÓS

Raquel Garcia Oliveira<sup>1</sup>, Ivan de Oliveira Elias<sup>2</sup>, Heloísa Ribeiro dos Santos<sup>3,4</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco – Luz/MG; Especialização em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior – ESAB – Vitória/ES; Especialização em Língua Portuguesa, UNICID – São Paulo/SP. E-mail: oliveira.raquelgarcia@gmail.com

<sup>2</sup> Professor-orientador – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco – Luz/MG. E-mail: ivanoelias@gmail.com

<sup>3</sup> Professora-coorientadora - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco – Luz/MG

<sup>4</sup> Autor correspondente: E-mail: hrsantos@fasf.edu.br

### RESUMO

O artigo refere-se à discussão da obra “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, e objetiva descrever e analisar o comportamento da personagem Luísa em relação ao adultério praticado por ela. Apresenta-se retrato da sociedade burguesa lisboeta do século XIX nos aspectos sociais, culturais, históricos e linguísticos. O assunto central da discussão é “a conduta da personagem Luísa em relação ao adultério cometido por ela”. Através do adultério da personagem, o autor da obra critica toda a hipocrisia e imoralidade veladas pela sociedade. Eça de Queirós também critica o Romantismo, movimento literário que defende as idealizações, fantasias e subjetividade do ser humano. Através da sua escrita na obra “O Primo Basílio”, o autor constrói o Realismo, movimento literário oposto ao Romantismo, que trata do real, da arte da ciência e da razão e coloca a verdade de modo a desmascarar os ideais defendidos pela sociedade burguesa lisboeta. Após as análises realizadas são apresentados argumentos que permitirão justificá-la.

**Palavras-chave:** discurso, ideologia, realismo, adultério.

### ABSTRACT

The article refers to the discussion of the novel "O Primo Basílio", from Eça de Queirós, And aims to describe and analyze the behavior of the character Luísa in relation to the adultery practiced by her. To introduce which tells the story of the Lisboeta society during the 19<sup>th</sup> century tackling the social, cultural, historical and linguistic aspects. The main drama discussed is about "How the character Luísa acts in relation to her adultery". Her adultery is the starting point where the author criticizes the hypocrisy and deviancy of the society. Eça de Queirós quibbles the Romanticism which was attached to the accomplishment, fantasies and subjectivity of the human being. Using this novel "O Primo Basílio", the author builds up the Realism, opposing to the Romantism, which deals with the reality, the science and reasoning where the truth unveils the ideas defended by the lisboeta society. This will be the framework used to justify her.

**Keywords:** discourse, ideology, realism, adultery.

## INTRODUÇÃO

Este estudo trata da análise da obra “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós enfocando, tematicamente, “O discurso de justificação da conduta da personagem Luísa”. Situa-se na interface da análise do Discurso, versão francesa, e da Teoria da Literatura pelo recorte que faz levando em conta ao mesmo tempo o dito e o significado histórico-social do dizer acerca da conduta desta personagem. Atenta, ainda, a um determinado estilo de época na Literatura Portuguesa. O estudo também não poderá deixar de abordar conteúdos dos estudos sociais e culturais, vez que tanto o estilo literário quanto o autor e a personagem por ele criada situam-se em um determinado contexto sociocultural e econômico que formata determinadas práticas sociais e certos julgamentos em relação a essas práticas.

Com base neste cenário situa-se o problema da investigação. Este se limita a identificar, descrever e analisar as ações/posturas e dizeres que justifiquem a conduta da personagem Luísa na obra “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, especificamente, em relação ao adultério cometido por ela. Essas ações/posturas e dizeres poderão ser analisados através das formações ideológicas ou discursivas que as produzem/manifestam.

Em passagens da obra, Luísa parece ser apresentada como vítima da sociedade do século XIX, em outras, como imoral, leviana. Estas apresentações podem ser vistas como decorrentes de julgamento imputado à personagem em relação à infidelidade praticada, de acordo com o “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta.

Desse modo, Luísa pode ser vista como uma personagem repleta de conflitos, os quais podem estar relacionados tanto à sua vida conjugal quanto social. Por este prisma, pretende-se responder à seguinte questão central: a conduta da personagem Luísa em “O Primo Basílio” se apresenta como resultado do “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta? A pertinência do problema, assim colocado, reside no que permite entender a relação estabelecida entre ficção e não ficção representada pela construção da conduta da personagem Luísa e as relações sociais presentes na sociedade lisboeta da época, levando-se em conta os fatores culturais, políticos, econômicos e sociais que determinavam o modo de vida de então.

Neste trabalho, parte-se do fato de que Luísa oscila entre dois grandes polos. Por um lado, ela é uma mulher casada, aparentemente feliz. Por outro, uma mulher sonhadora, romântica, que cria suas fantasias a partir dos livros que lê. Disso nasce a hipótese de trabalho: essas “idealizações” de Luísa são de natureza erótica e aparecem como uma emolduração da mulher insatisfeita com seu cotidiano estático. Através do adultério,

concretizam-se as fantasias da personagem, as idealizações tomam corpo e a realidade se mostra.

Outra hipótese poderia ser assim formulada: *a narrativa é construída de modo a insinuar que Luísa não se casou por amor*. Assim, ela foi obrigada a viver uma situação forçada, da qual resultou um comportamento ambíguo, pois vivia para a vida que lhe fora imposta, embora parecesse viver para a realização de seus desejos, manifestando-se, assim, o conflito.

A confirmação dessas hipóteses de trabalho apontará, como resultado de sua afirmação, o discurso de justificação, objeto deste estudo.

Na literatura portuguesa do século XIX, Eça de Queirós foi um dos principais autores do Realismo. Suas obras se caracterizavam por criticar as principais instituições da época: a burguesia, a monarquia e a Igreja.

A burguesia, principal consumidora e patrocinadora dos romances da época, deveria ver-se nas obras literárias para poder encontrar os defeitos pontuados e criticados pelo autor e que, aparentemente, estavam velados à percepção dos burgueses.

Dentre as obras do autor, “O Primo Basílio” desperta interesse singular pelos vários assuntos abordados como o adultério, a mentira, a chantagem, a hipocrisia e também o amor incondicional, a lealdade, a verdade, a ironia. Assuntos de extrema atualidade por dizerem respeito à conduta humana, foco principal do discurso queirosiano.

A obra também apresenta reflexões sobre os sentimentos humanos, como o orgulho, as traições de modo geral, a maldade, as fragilidades, dissimulações, artifícios e comunicações relacionadas ao bem e ao mal.

Portanto, o estudo da obra “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, apresenta-se relevante devido à sua atualidade no aspecto social, pois comporta traços significativos da conduta humana, tais como infidelidade-fidelidade, dissimulação-honestidade, mentira-verdade, felicidade-infelicidade, entre outros, a edificar ou demolir relacionamentos humanos.

Sendo assim, este estudo pode interessar a estudantes, estudiosos da literatura, historiadores e também a cineastas, visto que a obra deu origem a filme. E indica ser interessante por retratar fatos, culturas, costumes e movimentos intelectuais da época, “O Primo Basílio” contribui para o desenvolvimento de novos pontos de vista em relação ao contexto histórico no liame da literatura, trazendo assim novas perspectivas para a compreensão do fazer literário.

O objetivo geral do estudo é descrever e analisar o comportamento da personagem Luísa em relação ao adultério praticado por ela, em “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós,

bem como apontar ações e argumentos que permitirão justificá-la. Para alcançá-lo, propõem-se dois objetivos específicos: 1) identificar, na obra “O Primo Basílio”, ações/posturas e dizeres que justifiquem o adultério cometido por Luísa. Em seguida, a partir das ações/posturas e dizeres identificados, selecioná-los de acordo com as formações ideológicas e discursivas que os produzem; 2) analisar as formações selecionadas, com base na Análise do Discurso, para tecer reflexões tendo em vista o comportamento da personagem.

Para a realização destes objetivos conta-se com a leitura e análise que se fará da obra em foco, tendo como suporte, estudos realizados por pesquisadores da área de literatura portuguesa, da crítica sobre o Realismo, e das contribuições da linguística pertinentes, sobretudo à Análise do Discurso.

O artigo está estruturado em três capítulos. O Capítulo um, já apresentado a título de Introdução, compôs-se da descrição do tema de investigação, o problema e as suas respectivas hipóteses. Finaliza com a apresentação da justificativa e dos objetivos de estudo.

O Capítulo dois constitui o Desenvolvimento, composto por Referencial Teórico, construído com base nos estudos sobre Análise do Discurso da matriz francesa (FOUCAULT, 1997; PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2001 e 2007); o quadro metodológico que possibilitou planejar e acompanhar as etapas previstas para a realização do estudo; os resultados e a discussão em que são descritos os resultados obtidos e feitas as análises pertinentes com base nos estudos sobre Análise do Discurso.

O Capítulo três apresenta a conclusão em que são descritas as principais conclusões, responder ao problema, confirmar em parte as hipóteses e o alcance dos objetivos. Finaliza-se com a apresentação das referências bibliográficas.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1 ENUNCIADO**

Enunciado é a “unidade elementar do discurso” em que define-se “as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade”, ligando-se a um referencial cuja natureza trata de “leis de possibilidades, de regras de existências para os objetos que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 1997, p. 91; 104).

O enunciado pode também ser entendido como uma sequência de palavras que constituem uma frase, um conjunto de frases ou uma frase acabada com sentido próprio que

permite ao leitor a compreensão. Os enunciados relacionam-se entre si dentro do mesmo discurso, eles podem variar ou não o seu sentido dependendo das circunstâncias e lugares em que são ditos.

Para maior amplitude no entendimento do enunciado, é relevante o conhecimento sobre sua função. A função do enunciado é facilitar a identificação da relação possível entre frase e seu sentido em um discurso. Para Foucault é preciso saber a que se refere o enunciado e qual é seu espaço de correlações para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente, pois é no interior de uma relação enunciativa que é percebida e assimilada a relação estabelecida entre a frase e seu sentido. Mesmo que uma frase não seja significativa “ela se relaciona a alguma coisa, na medida em que é enunciado” (FOUCAULT, 1997, p. 102-103).

É importante destacar que a função enunciativa é exercida por quatro domínios: (1) formação dos objetos; (2) formação das posições subjetivas; (3) formação dos conceitos; (4) formação das escolhas estratégicas (FOUCAULT, 1997, p. 134). Todos se constituem no campo de elementos facilitadores para entendimento do enunciado, conforme ilustrado na **Figura 1** adiante. Dentro deste contexto, o enunciado adquire visibilidade oral ou escrita mediante o ato que o formula e o descreve.

### 1.1 Formulação e Descrição do enunciado

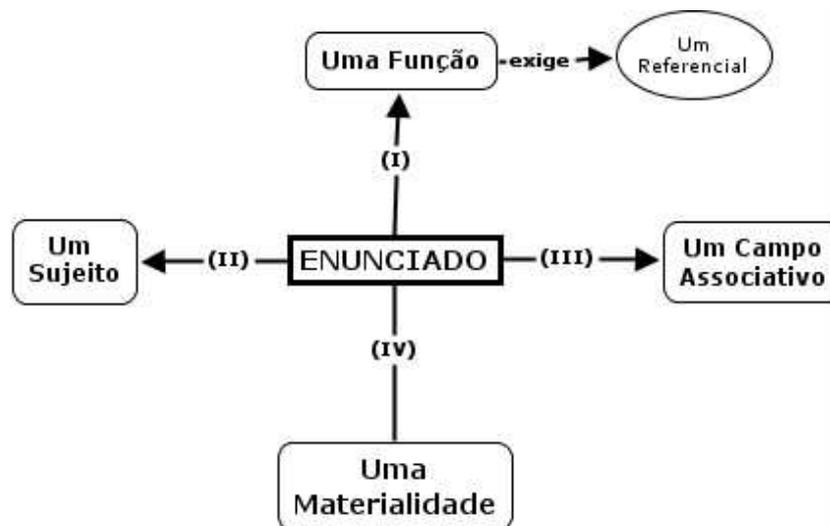
A formulação constitui-se de um ato individual ou coletivo que faz surgir determinado material em formas diversas, demarcáveis pelas categorias tempo e espaço, sempre relacionado a algum autor (FOUCAULT, 1997, p. 123). E nestes limites dá-se a descrição do enunciado. Ou seja, a definição das condições que deu existência aos signos “não está sendo forçosamente gramatical nem logicamente estruturada” (FOUCAULT, 1997, p. 125).

A descrição do enunciado apresenta as seguintes características: (1) é uma relação com um domínio de objetos; (2) é um jogo de posições possíveis para um sujeito; (3) é um elemento em grupo de coexistência; (4) é uma materialidade repetível (FOUCAULT, 1997, p. 125).

Desse modo, formular e descrever um enunciado consiste em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar o sujeito levando-se em consideração o tempo e o espaço histórico em que ele está inserido, já que a análise enunciativa refere-se somente às coisas ditas, relacionada ao nível de sua existência.

Foucault (1997, p. 133) ao analisar o enunciado, descobriu quatro elementos fundamentais para o seu entendimento (**FIGURA 1**):

**Figura 1:** Elementos componentes do Enunciado.



Fonte: Adaptado de Foucault (1997, p.133).

Com base na **Figura 1**, o item (I) se apoia em um conjunto de signos que exige um **referencial**; o (II) representa uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes; o (III) representa um domínio de coexistência para outros enunciados e o (IV) representa status, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização (FOUCAULT, 1997, p. 133).

Ao conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação, Foucault (1997, p.124), entende por discurso, por exemplo, enunciados que dão visibilidade aos discursos clínico, econômico, da história natural, da psiquiatria, constituindo, dessa forma, sistemas únicos de enunciados.

Assim, quando falamos em discurso econômico, médico, político, dizemos que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação discursiva: da economia, da medicina, da ciência política.

Desse modo, para se analisar o discurso, não importa apenas o que se diz, importa o significado do dizer em meio a uma prática discursiva.

A prática discursiva refere-se a um conjunto de regras anônimas, históricas, inseridas nas categorias tempo e espaço a determinar as áreas (por exemplo, nas esferas social, econômica, geográfica ou linguística) em que podem ocorrer e definir o exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1997, p.136).

Pêcheux e Funchs (1975) traçaram um quadro epistemológico da AD com base em concepções da teoria materialista do discurso. Tal quadro constitui-se em três dimensões: a) conhecimentos linguísticos; b) Materialismo histórico; c) conhecimentos sobre o discurso. Os

conhecimentos linguísticos dizem respeito à teoria de determinação histórica dos processos discursivos; o Materialismo Histórico se apoia no tempo e espaço em que o discurso foi dito e os conhecimentos sobre o discurso referem-se à teoria de determinação histórica dos processos semânticos.

Na AD, a linguagem refere-se a uma ação social, constituída no tempo e no espaço onde se apresentam conflitos e embates ideológicos. No seu interior comportam as condições de produção do discurso em que os sentidos são historicamente imputados pelos sujeitos enunciadoreis visibilizados pelas Formações Ideológicas (FI) e Formações Discursivas (FD) (BUENO, 2006, p. 2).

Na matriz francesa de AD, estudos realizados entre as décadas de 1970 – 1990 centraram-se, principalmente, na noção de sujeito e de interdiscursividade, acrescidas às noções de História e Ideologia.

Segundo Bueno (2006, p.2):

(...) à noção de sujeito histórico articula-se a de sujeito ideológico. Por conseguinte, “o que” este sujeito fala sempre compreende um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social, tratando-se de um sujeito “descentrado” entre o “eu” e o “outro”: um ser projetado num espaço e num tempo. Tal projeção faz com que esse sujeito situe o seu discurso em relação aos discursos do outro.

De acordo com a contribuição da autora, observa-se que as FI e FD permeiam a prática discursiva realizada entre interlocutores no contexto histórico-social de uma determinada Formação Social (FS). Na análise do discurso, os conceitos FI e FD são relevantes para a compreensão do discurso que cada sujeito comporta.

## **1.2 Formação Discursiva**

Na visão foucaultiana, o conceito de formações discursivas é entendido como “o sistema enunciativo geral ao qual obedece a um grupo de performances verbais – sistema que não o rege sozinho, já que ele obedece, ainda, e segundo suas outras dimensões, aos sistemas lógico, linguístico, psicológico” (FOUCAULT, 1997, p. 134).

No entanto Pêcheux (1997, p.166) define uma formação discursiva acrescentando a noção do materialismo histórico: “Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sobre forma de uma

harenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1997, p. 166).

A formação discursiva tem sua origem nas relações estabelecidas entre os membros de uma sociedade, em que os dizeres são articulados intencionalmente de acordo com os interesses daqueles que os produzem. Esta intencionalidade provoca um estado em que podem ocorrer luta entre as classes que constituem uma sociedade, pois nos discursos está presente a ideologia da classe dominante, que impõe sobre os supostamente dominados sua maneira de pensar e agir através de “um sermão, de um panfleto, de um programa”, regulando, direta ou indiretamente “o que pode” e o que “deve ser dito”, materializando e reproduzindo dessa forma o discurso do dominador.

Portanto, as relações sociais são históricas porque trazem em seu interior práticas que materializam os discursos ditos e reproduzidos pela classe dominante.

Para Pêcheux (1997, p. 167), a ideologia adquire materialidade no discurso por meio da luta de classes, ou seja, pelo modo como uma determinada classe social se impõe sobre outra ou outras, de tal modo que a imposição se dá através da detenção dos meios de produção.

Na FS ocorre a materialidade econômica como forma de dominação das classes sociais não detentoras dos meios de produção dominantes. Trata-se, dessa maneira, das condições de produção que se dá na esfera da ideologia. Ou seja, a ideologia “interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

A ideologia, no âmbito da FS, funciona “como reprodutora das relações de produção, isto é, o sujeito será assujeitado como sujeito ideológico, de forma que cada sujeito, interpelado pela ideologia, busque ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma determinada FS, acreditando estar exercendo a sua livre vontade” (BUENO, 2006, p. 2).

O sujeito integrante e constituinte da FS na qual está inserido “não decide sobre os sentidos e possibilidades enunciativas de seu discurso”, pois no processo histórico em que está inserido não há espaço ou oportunidade para fazer inserções ilimitadas, mas apenas àquelas que não representem ameaças ao *status quo* da classe privilegiada. E desse modo, o sujeito determina seu espaço social “a partir do qual enuncia” (FOGAÇA, 2007, p. 398).

Para Fogaça (2007, p. 398), uma FI compõe-se de uma ou mais formações discursivas interligadas, em que os discursos são governados pelas formações ideológicas. Para Orlandi (2007, p.44), as formações discursivas não são blocos homogêneos, pois estas afetam e são afetadas por outras formações discursivas.

### 1.2.1 Funcionamento do Discurso

A FD em Foucault representa o lugar central da articulação entre língua e discurso e envolve dois tipos de funcionamento: a paráfrase – relacionada com o já-dito, o interdiscurso, ou memória discursiva – e a polissemia – que diz respeito ao deslocamento, ruptura de processos de significação (ORLANDI, 2007, p. 36-38; FOGAÇA, 2007, p.399).

A paráfrase refere-se a um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados dentro de fronteiras que buscam preservar a sua identidade, já a polissemia rompe as fronteiras da formação discursiva, misturando os limites entre as diferentes formações discursivas propiciando a pluralidade de sentidos.

A paráfrase e a polissemia tratam-se de dois grandes processos da linguagem, constituindo-se na matriz e na fonte do sentido de uma formação discursiva. Sob esta perspectiva, Orlandi (2001, p.116), no trabalho “Funcionamento e Discurso”, discute como a linguagem se situa dentro de um discurso. A autora considera a linguagem como lugar de debate, de conflito.

Neste aspecto, Orlandi (2001, p. 116) utiliza-se de duas formas complementares à AD para entender o funcionamento do discurso:

- i) de nível metodológico;
- ii) de nível de análise.

### **1.2.2 Do nível metodológico**

O nível metodológico discute acerca da forma como a prática discursiva pode ser realizada, sem, no entanto, desprezar o aspecto linguístico inerente a qualquer produção textual sob a perspectiva do discurso (ORLANDI, 2001, p. 116). A análise neste nível parte “da totalidade e não das partes segmentadas”, que compreendem os diversos níveis de análise linguística, por exemplo: o fonético, o sintático, o semântico. Todos diferentes, mas que permitem proceder à análise linguística e a análise do discurso, sem que cada nível perca sua perspectiva de análise (ORLANDI, 2001, p. 117).

De acordo com Orlandi (2001, p. 116):

Pode-se trabalhar, na perspectiva da análise do discurso, com unidades de vários níveis – palavras, sentenças, períodos, etc. – sob o enfoque do discurso (sic). Isso não significa que essas unidades não tenham a especificidade de seu nível – isto é, lexical, morfológico, sintático, semântico – mas sim que a perspectiva discursiva também é constitutiva delas, também fornece dados.

Sob esse enfoque, a análise metodológica se atém à unidade significativa do texto em análise, onde este é pensado enquanto unidade pragmática em que “entra elementos do contexto situacional”, não possível quando o texto é visto somente enquanto unidade formal. Por este ângulo, o texto e o discurso são equivalentes, porém apresentam níveis conceptuais diferentes: conceito analítico (com foco no texto) e conceito teórico e metodológico (com foco no discurso).

Orlandi (2001, p.118) reitera que sob o ponto de vista analítico (e, portanto, do funcionamento da linguagem), o texto é visto como unidade de significação, sendo analisado em sua totalidade. Consoante a esta perspectiva, a autora introduz o procedimento ‘funcionamento’, importante para a análise do modo de funcionamento da linguagem nos níveis já mencionados.

Este procedimento limita-se à seleção dos operadores (articuladores), cuja essência se restringe ao modo de funcionamento das estruturas discursivas nos níveis linguísticos e discursivos. Para Orlandi (2001, p. 118), os níveis são singulares, porém não distanciados pela diferença, pois “há uma relação entre eles, é aquele que existe entre condições materiais de base e processo”, denominado funcionamento.

### 1.2.3 Do nível de análise

O nível de análise proposto para este estudo compreende três tipos de discursos que tratam da articulação estabelecida entre o referente (o contexto ao qual a mensagem remete) e os participantes do discurso (objeto de discurso e interlocutores): (1) discurso lúdico; (2) discurso polêmico; (3) discurso autoritário (ORLANDI, 2001, p. 15-16). Estes discursos são descritos no **Quadro 1**.

**Quadro 1:** Tipos de discursos inscritos no presente estudo.

(Continua)

TIPOS DE DISCURSOS	
<b>Discurso Lúdico</b>	É aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamamos de <i>polissemia aberta</i> (o exagero é o <i>non-sense</i> ).

Fonte: Texto adaptado de Orlandi (2001, p. 15-16).

**Quadro 1:** Tipos de discursos inscritos no presente estudo.

(Continuação)

---

## TIPOS DE DISCURSOS

---

### **Discurso Polêmico**

É aquele que mantém a presença do seu objeto sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma *direção*, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada (o exagero é a injúria).

### **Discurso Autoritário**

É aquele em que o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na *polissemia contida* (o exagero é a ordem no sentido em que se diz “isso é uma ordem”, em que o sujeito passa a instrumento de comando). Esse discurso recusa outra forma de ser que não a linguagem

---

**Fonte:** Texto adaptado de Orlandi (2001, p. 15-16).

Os três tipos de discursos descritos no **Quadro1** são permeados por dois critérios ou processos constitutivos da tensão que incidem sobre a produção do texto: (1) a paráfrase; (2) a polissemia. Estes critérios representam a relação estabelecida por: (a) relação homens/mundo; (b) intromissão da prática; (c) referente; na linguagem (ORLANDI, 2001, p. 15).

Dessa maneira, o nível de análise do discurso procura abordar os efeitos de sentidos que estão presente na paráfrase em que não há diferenças linguísticas e sintáticas (ORLANDI, 2001, p. 119).

A autora exemplifica os efeitos de sentidos: “quando digo a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez, pois são *acontecimentos* diferentes”.

### **1.3 O Realismo<sup>1</sup>**

O final do século XVIII consolidou a ascensão da burguesia na Europa. Neste período, a classe burguesa ascende ao poder político, cujo marco histórico se situa na Revolução Francesa de 1789.

Ao longo do século XIX, aspectos econômicos, sociais, geopolíticos e artísticos provocam mudanças na forma de pensar e se expressar do homem contemporâneo. Este, sob a influência do pensamento filosófico e das inovações do campo das ciências, começou a perceber o mundo de forma mais objetiva.

---

<sup>1</sup> Texto adaptado de MASSAUD, Moisés (2001).

Na economia, a burguesia, beneficiada pelo desenvolvimento científico-tecnológico, consolida-se no poder.

Na sociedade, correntes de pensamentos influenciadas pelo movimento Iluminista impulsionaram o surgimento de novas formas de conhecimento do mundo exterior, por exemplo, o Socialismo de Karl Marx; o Socialismo utópico de Saint Simon e Proudhon, o Positivismo de Auguste Comte; o Determinismo de Hypólite Taine; o Evolucionismo de Charles Darwin. Essas teorias moldaram as relações sociais, econômicas, políticas e jurídicas entre pessoas e entre países.

Na Geopolítica, iniciou-se a política imperialista caracterizada pela rivalidade político-econômica entre as potências européias e os EUA, resultantes da corrida por novos mercados consumidores de manufaturas e novas áreas de exploração de matérias-primas das nações e países da América Latina, África e Ásia.

Nas artes, dois movimentos estéticos se destacavam: o Romantismo e o Realismo. O primeiro é um movimento artístico e literário de base espiritualista e sentimental. O segundo trata-se, também, de um movimento artístico e literário, porém de base materialista e racionalista, nascido em oposição aos excessos líricos do Romantismo e do idealismo Classicista, centrados na sentimentaridade e na metafísica.

O Realismo designa originalmente uma atitude epistemológica segundo a qual há coisas, fora e independentes da consciência cognoscente (SILVEIRA, 2001, p. 98).

Os realistas pretendiam exprimir com rigor a realidade física e denunciar a opressão e a desumanização da sociedade industrial. O movimento caracterizou-se fundamentalmente pela sua ligação crítica, porém construtiva à sociedade. Tal postura possibilitou o retorno da objetividade à literatura em contraposição à subjetividade do Romantismo.

Para Silveira (2001, p. 100), o “Realismo enfoca o homem e as mazelas da civilização segundo uma perspectiva sociológica”. Para o autor, causas predominantemente educacionais e morais, gestadas num meio condicionante, determinam as ações no Realismo (SILVEIRA, 2001, p. 100).

Outras mudanças expressivas referem-se à escrita poética que se tornou reflexiva ao incorporar a planificação composicional em sua métrica; a forma de expressar a natureza nos textos literários tornou-se objetiva, retratando-a de maneira descritiva, positiva e viva; afirmação do impessoalismo, da objetividade, da captação das impressões pelos sentimentos; ênfase no uso da descrição, de adjetivos, de imagens, do concreto, enriquecendo e aperfeiçoando a língua, com novas formas de expressão.

Entre as características do Realismo, a ficção de prosa aponta para duas formas de narrativas: o romance e o conto.

O romance, na concepção realista, “deve tratar das instituições em vigor, (principalmente o casamento, a Monarquia e a Igreja)”. Ele tem como objetivo conscientizar o público (no caso, a burguesia) de suas deficiências, visando a levar o leitor a um autoconhecimento e, em última instância, a atuar na sociedade para transformá-la (BARROS, 2001, p. 134).

Neste aspecto, Barros (2001, p. 134) apresenta as características formais do romance:

- As personagens pertencem à burguesia;
- O espaço privilegiado é o da cidade;
- O tempo é o contemporâneo (século XIX);
- O foco narrativo deve ser objetivo e tão neutro quanto possível.

Em relação às características do conto, Barros (2001, p. 134) afirma que:

Quando investido de sua função de arma de combate social (vertente realista / naturalista), o conto desvia-se de sua concisão habitual e alarga-se a fim de abrir espaço para digressões ao passado, onde se encontram as explicações para as atitudes das personagens, produtos que são da herança, do meio e da educação. Não é rara a suspensão da ação para expor, com minúcias os antecedentes das personagens.

As características citadas devem articular com temáticas relacionadas “às instituições básicas da sociedade burguesa: a família, nela incluídas as questões relativas ao casamento e à educação, e a religião, além dos problemas de ordem política e econômica” (BARROS, 2001, p. 134).

### 1.3.1 O Realismo em Portugal<sup>2</sup>

Portugal se insere no século XIX “sem ter passado por uma autêntica revolução industrial”, onde sua sociedade se caracterizava pelo conservadorismo nos costumes, o autoritarismo nas relações jurídicas, o dogmatismo nas ideias e a intolerância nas crenças.

A maior parte da população se concentrava no campo, e parte dela era analfabeta, restando apenas uma pequena parte da população que dominavam a arte de ler e escrever.

---

<sup>2</sup> Texto adaptado de ALEKSANDRAVICIUS (2007).

Tratava-se da chamada elite letrada, concentrada principalmente no segmento jornalístico. Porém, Portugal ainda vivenciava o mundo à luz do romantismo. Este foi construído sob fundamentos consolidados no passado a afirmar “a existência histórica e imortal” do país, a ratificar seu aspecto político e cultural, cujo referente mítico foi representado pelas grandes conquistas marítimas, de caráter político-religioso.

Na mesma época, a Europa fervilhava com as novas formas de pensar e ver o mundo. Pensadores como Marx, Saint-Simon, Prodhoun, Comte, Darwin, Taine, principalmente da França, contribuíram para que a sociedade tornasse mais reflexiva, produtiva e moderna a deixar o conservadorismo, autoritarismo, o tradicionalismo religioso e o centralismo político sepultos no passado.

As mudanças vindas de Paris provocaram uma reestruturação do romantismo português, possibilitando-o moldar uma nova imagem do país, alicerçado no “ideário nacional assimilado pela tradição cristã, da qual o passado era preservado e reescrito no presente com fundamento centrado nas personalidades e escritos do passado (Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões) e o mito do sebastianismo”.

A nova imagem de Portugal foi impressa a partir das contribuições de Almeida Garret e Alexandre Herculano. Porém, este retrato foi impresso sem a hegemonia da tradição cristã, tão característica dos tempos passados. O mito do passado glorioso da nação portuguesa retratado por Camões em seus poemas fora reformulado com base nos valores da sociedade da época, mas logo questionado por intelectuais e poetas de Coimbra, sob a influência das reformas ocorridas na Europa.

De acordo com Aleksandravicius (2007), os temas precisavam ser novos, os padrões clássicos deveriam ser ignorados e os valores mitológicos, retóricos e regra literárias modificadas para indicar que a concepção de mundo havia mudado, e Portugal não poderia alienar-se da renovação espiritual.

Dessa forma, na literatura as mudanças foram percebidas entre os intelectuais de maneira diferente. De um lado havia aqueles que perceberam diferenças entre o tradicionalismo português e as novas ideias que povoavam a mentalidade dos pensadores europeus. De outro, havia aqueles que tiveram conhecimento das mudanças, porém adequando-as sem, no entanto, realizar grandes mudanças na estrutura vigente.

Formaram-se, então, duas facções antagônicas que tentaram defender seus pontos de vista: de um lado os modernistas (formado por jovens poetas, estudantes e intelectuais de Coimbra que exigiam mudanças profundas) e de outro os tradicionalistas ou romancistas (conhecidos como representantes da segunda geração romântica e que não aderiram

radicalmente às mudanças). Foi através desta divergência ocorrida em 1865 que teve início o Realismo em Portugal. Suas principais características referem-se “crítica à sociedade, à Igreja, e a visão objetiva e o retrato fiel da sociedade e a busca de reformas sociais” (RUESCAS, 2000, p. 160).

A Questão Coimbrã ou Geração de 70 “foi uma polêmica literária travada entre autores já consagrados do Romantismo e novos autores que despontavam”. Teve início com a publicação do livro “Poemas da Mocidade”, de Pinheiro Chagas, no qual Antônio Feliciano de Castilho redigiu o Posfácio. Nessa seção do livro, Castilho tece elogios a obra romântica, e faz crítica aos temas e estilo da Escola de Coimbra, censurando os poetas Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro (RUESCAS, 2000, p. 159).

#### 1.4 Eça de Queirós<sup>3</sup>

José Maria Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa de Varzim, localidade próxima à cidade do Porto, em Portugal.

Em outubro de 1861, Eça ingressa na Universidade de Coimbra para cursar Direito. No decorrer do curso, percebia que entre os alunos, inclusive ele, havia “um sentimento de revolta contra o tradicionalismo da universidade e o atraso e a indiferença intelectual” de sua terra. O sentimento foi amadurecido mediante o contato que os estudantes tiveram com os *ventosrenovadores* nascidos em Paris. A renovação nasceu inspirada em teorias baseadas no liberalismo de Voltaire e Rousseau, no socialismo utópico de Saint-Simon, na dialética de Hegel, nas teorias evolucionistas de Darwin, no positivismo de Comte, todas integrantes da renovação espiritual advinda da França.

Esses poetas revidem os argumentos de Castilho com a publicação dos folhetos “Bom Senso e Bom Gosto, A Dignidade das Letras, As Literaturas Oficiais e Teocracias Literárias”.

A Questão Coimbrã envolveu grande número de intelectuais “que tomaram partido pró ou contra o Romantismo” (RUESCAS, 2000, p. 159).

A polêmica serviu para “mostrar que a visão romântica estava ultrapassada, pois não retratava os problemas sociais do país”, que foram realizados pelos realistas (RUESCAS, 2000, p. 159). Porém, a posição de Eça estava indefinida, pois uma admiração espontânea empurrava-o na direção dos “modernos”, mas suas leituras preferidas situavam-no no campo romântico: a poesia de Théophile Gautier e de Gérard de Nerval, e, sobretudo, os romances de

---

<sup>3</sup> Texto adaptado de Perfil Biográfico de Eça de Queirós, publicado na obra “O Primo Basílio”, Editora Martin Claret, edição 2008.

Victor Hugo. Sua timidez e um certo sentimento de inferioridade compeliavam-no mais a ouvir que pronunciar-se.

Na próxima seção aborda-se o estilo literário de Eça de Queirós presente na obra “O Primo Basílio”.

#### 1.4.1 Estilo literário de Eça de Queirós

A principal característica do autor é a utilização do discurso indireto livre, este é uma junção do discurso direto e indireto que permite ao leitor identificar a fala dos personagens e também a intenção do autor ao escrever a obra.

Eça de Queirós desenvolve a arte de mostrar, mas não mostra apenas; faz o leitor sentir a visão das coisas como ele lhas mostra: “A arte de Eça é a arte de pela linguagem fazer ver” (FERRAZ, 2001, p. 121).

Com o seu realismo Eça vem a atingir, progressivamente, a arte que se queria oposta ao romantismo que apelava, de fato, a um sentir como conhecimento pressuposto do leitor, um sentir de um modo tal que só chega a ver o mundo representado quem já conheça o sentimento expresso ou com ele simpatize. E estes “dois distintos processos de ver e sentir – como dois distintos efeitos de percepção do que se entende por real – é que marcam as grandes diferenças autorais entre românticos e realistas e por ventura as distinções periodológicas que nessa base estabelecem os estudiosos da literatura” (FERRAZ, 2001, p. 122–123).

Eça de Queirós sabe como se afastar ou como pôr-se ao lado dos seus personagens. Para isso, ele utiliza o discurso indireto livre que “serve para combinar momento do dizer e momento de ver do narrador com a percepção muito clara da voz ou do sentir da personagem, bem protegida pelo dizer próprio do contar ou pela distância acutilante própria de um reportar” (FERRAZ, 2001, p.126).

Segundo Belline (1997, p.22) em “O Primo Basílio”, Eça mostra a representação dos personagens por *tipos* e não por indivíduos. O *tipo* apresenta características que o identificam como um grupo social ou profissional. O autor descreve os ambientes, estes são fundamentais dentro da perspectiva do princípio da influência decisiva do meio sobre o indivíduo.

Eça descreve minuciosamente os personagens fisicamente, pois de acordo com as teorias científicas da época, as características físicas das pessoas também determinam seu comportamento (BELLINE, 1997, p. 22).

Dessa maneira, Eça utiliza uma linguagem simples, que se aproxima da oralidade para torná-la apta a exprimir uma intencionalidade ideológica, criou uma prosa clara, inteligente, renovada, e também reproduz a fala de seus personagens de acordo com a linguagem da sociedade burguesa lisboeta.

#### **1.4.2 O Primo Basílio na Literatura**

O romance “O Primo Basílio” se situa dentro do Realismo português no séc. XIX. A base teórica deste período formou-se a partir de teorias concebidas ao longo do séc. XIX, através de concepções materialistas e racionalistas, que se opuseram à base espiritualista e sentimental do Romantismo (CELLIGOI, 2004, p.1).

Para Cassol (2006, p. 45), o romance “O Primo Basílio” “aborda temáticas concernentes à patologia humana e social – adultério, miséria, criminalidade, loucura, incapacidade de controlar os instintos, [a fazer uma crítica à] manutenção das estruturas sociais, culturais e institucionais”. O objetivo destas estruturas situava-se em dois extremos mediados pela instituição do matrimônio: de um lado mantinha-se as aparências do modo de vida burguês nas relações sociais estabelecidas nos espaços públicos – cujo sentido representava aquilo que tivera valor social/econômico na época: o casamento; de outro lado, nas relações circunscritas aos espaços privados vinculados ao interior das famílias, os valores familiares foram mascarados, conforme representado pelo adultério praticado por Luísa.

O sentido das relações sociais estabelecidas no espaço privado na obra sugere ser este o “refúgio de cada personagem em seu mundo pessoal e em suas paixões e intenções” (CASSOL, 2006, p. 40). Diante disso, a dualidade, público / privado ratificam o *status quo* e o “falso moralismo” presentes na sociedade lisboeta, que na obra, fora evidenciada nas ações dos personagens.

Bittencourt (2007, p. 1) afirma que o objetivo da obra era “denunciar a formação da família lisboeta - a pequena burguesia -, revela a degradação da sociedade”, tendo o casamento como foco central do discurso queirosiano.

Já Gualda (2007) discorre que Eça de Queirós tinha a intenção de, a partir de suas obras, realizar um inquérito da sociedade portuguesa, “criticando para corrigir e ensinar”.

Para Valentim (2007), a obra trata-se de “uma espécie de drama operístico, onde não faltam as figuras da *prima donna*<sup>4</sup>, do amante sedutor, do marido traído, do amigo incondicional, da vilã aterrorizante e de personagens *giocosos*<sup>5</sup>”.

“O Primo Basílio” veio determinar o rompimento definitivo com as concepções ideológico-culturais do Romantismo, outrora defendidas amplamente pela burguesia lisboeta, pois renegava as contradições presentes na sociedade: a “decadência moral” e a “falsa ética burguesa” (BITTENCOURT, 2007).

As contradições citadas foram abordadas na obra, principalmente, sob a representatividade da mulher. Além disso, o autor critica o modelo de educação oferecido à mulher, conforme observado por Cassol (2006, p. 42): “Eça estabelece uma crítica a educação da mulher nos moldes românticos, transportando-a para a esfera ornamental, pois nem lhe são atribuídos filhos, para que cuide de sua aparência”.

Diante do exposto, observa-se que os pesquisadores queirosianos são unânimes em um ponto: “O Primo Basílio” faz uma crítica às estruturas sociais, culturais e institucionais da sociedade lisboeta, a dar ênfase à instituição família e ao “falso moralismo” da burguesia.

### 1.5 Contextualização da personagem Luísa na obra

Luísa, protagonista do romance é apresentada como uma mulher casada, sentimentalista e sonhadora. Ela pode ser considerada como o protótipo da futilidade, da ociosidade da mulher burguesa. É uma jovem romântica, com atitudes inconsequentes; mimada e sonhadora, precisava ser amparada por uma figura masculina.

Para Figueiredo (2001, p. 929): “Luísa, à primeira vista, não se interessa por seu futuro marido, mas, “mesmo sem o amar”, sente seu corpo estremecer diante da virilidade que ele encarna, por sentir “dilatarem-se docemente os seios”, aceitando o pedido de casamento, já que isto daria um “descanso para mamã”.

Desse fato, pode-se pensar que além de Luísa querer dar descanso à mãe, ela também desejava satisfazer seus desejos sexuais, o que seria possível somente através do casamento, de acordo com o modelo social burguês. Mas, devido à sua ingenuidade, o adultério se apresenta como meio para dar vazão aos desejos adormecidos, porque quando ela se vê sem o apoio do marido por perto, procura abrigo nos braços do primo, confundindo assim os próprios sentimentos.

---

<sup>4</sup>*Prima donna* é uma expressão italiana que significa primeira mulher, a cantora principal de uma ópera.

<sup>5</sup>*Giocosos* significa no texto da obra, pessoas alegres.

De acordo com Santos e Strothmann (2007):

Envolvida por uma figura fina, requintada de Basílio, a personagem Luísa, deixa-se influenciar pela aparência do primo, julgando que com o possível relacionamento dos dois, ocorresse uma ascensão social, de simples mulher burguesa se tornaria uma **mulher sofisticada**. Basílio, profissional do galanteio e conquista, impressiona Luísa com seus **hábitos elegantes**, sua roupa nobre, presentes caros e, principalmente, pela sua oratória.

Sob este quadro “romântico”, Luísa pratica o adultério, que logo é descoberto por Juliana, sua criada. Esta, aspirando melhorar sua condição de serviçal, inicia a prática da chantagem, desprovendo, deste modo, a segurança que Luísa gozava no espaço privado de sua casa e família.

O que parece condenável na obra é o fato de Luísa não conseguir resolver um problema que seria previsível, submetendo-se, assim, às chantagens e humilhações da criada. Por outro lado, a atitude de Juliana fora objetivada por sua condição de fragilidade e precariedade, trazendo à tona o mascaramento em que a burguesia estava inserida, não respeitando a classe trabalhadora, conforme fora destacada nas relações estabelecidas no espaço privado da família Jorge-Luísa.

Gualda (2007) diz que “a narrativa destrói a individualidade de Luísa em detrimento do endosso da moral sexual do adultério, quanto à responsabilidade feminina”. Deste modo, a personagem fora representada como uma pessoa que necessita de paixão e amor. Mulher “fraca”, não protesta, não tem ânimo nem vida, parece um ser inerte movido pelos ideais romancistas.

De acordo com Gualda (2007), “Eça recusa inocentá-la, na medida em que coloca as causas da sua debilidade mental fora de seu próprio ser”. Deste modo, Luísa acaba sendo vítima do “falso moralismo” exercitado por Jorge e Basílio, expressão máxima da burguesia lisboeta.

Nesta seção tratou-se de análise do discurso, com enfoque nas formações ideológicas e discursivas; de acordo com estudos de Foucault (1997), Pêcheux (1997) e Orlandi (2001; 2007). Abordou-se também o movimento estético Realismo e Eça de Queirós discorrendo sobre a obra “O Primo Basílio” na Literatura e a contextualização da personagem Luísa, com base nos estudos de Belline (1997).

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente este estudo propõe uma pesquisa bibliográfica delimitada na obra, “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, com foco centrado na conduta da personagem Luísa.

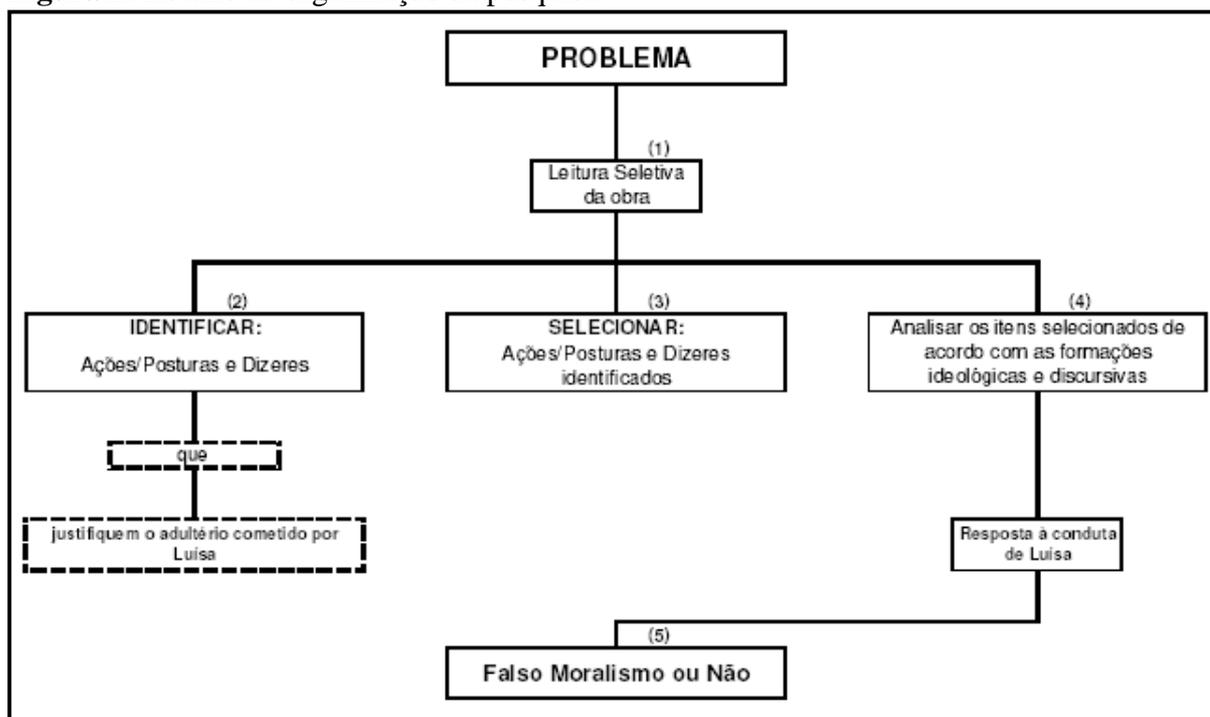
Considerando que Luísa foi influenciada pelas pessoas próximas a ela e também pelos romances que lia em seu modo de pensar, agir e viver; pretendeu-se, então, analisar ações/posturas e dizeres presentes na obra que justifiquem a conduta da personagem, a fim de responder à seguinte questão central: a conduta da personagem Luísa em “O Primo Basílio” se apresenta como resultado do “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta?

As hipóteses assumidas neste trabalho foram: a) o adultério praticado por Luísa possibilitou a concretização de suas fantasias, pois estas tomaram parte do comportamento da sociedade lisboeta; b) o autor, no romance, insinua que Luísa não se casou por amor, o que parece caracterizar o comportamento ambíguo da personagem ao cumprir suas obrigações de esposa e dona de casa, como também, concretizar suas idealizações e desejos.

Diante de tais hipóteses, a investigação, quanto à abordagem do problema, se insere como pesquisa qualitativa, pois há uma relação direta entre o objeto de estudo e o “olhar da pesquisadora”.

O suporte teórico-metodológico descrito deu sustentação às análises e discussões dos resultados. Não obstante, o tratamento dos dados foi realizado de acordo com os objetivos deste estudo. O procedimento compreende, de maneira geral, quatro etapas, conforme destacado na **Figura 2**.

**Figura 2:** Roteiro de organização da pesquisa.



**Fonte:** Autora pesquisa.

As etapas – 1, 2, 3, 4 – da **Figura 2**, compreendem, respectivamente: 1) Leitura seletiva da Obra “O Primo Basílio”; 2) Identificação de ações/posturas e dizeres que justifiquem a conduta de Luísa referente ao adultério praticado; 3) seleção das ações/posturas e dizeres identificados no item “2”, tendo como critério as formações discursivas ou ideológicas presentes em cada ação/postura e dizer pontuado; 4) Análise e discussão das formações discursivas e ideológicas, ancorada em estudos realizados pela comunidade científica relacionados à Análise do Discurso de matriz francesa (FOUCAULT, 1997; PÊCHEUX, 1997, ORLANDI, 2001; 2007) para indicar uma resposta à questão problema, a confirmar ou não as hipóteses levantadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta seção apresenta os resultados alcançados através de levantamento de dados coletados da obra “O Primo Basílio”. Inerente à apresentação, procede-se com as respectivas análises.

Em “O Primo Basílio”, evidencia-se uma prática discursiva, o adultério, no qual preexistem várias formações discursivas e ideológicas. Essas formações se divergem, por exemplo, na obra, o personagem Ernestinho escreve uma peça teatral em que a esposa trai o marido e este descobre. Nessa peça, a princípio, o marido mata a mulher. A partir desse fato, vários discursos surgirão de acordo com a ideologia representada por cada personagem na obra. “O conselheiro Acácio aconselhava a Ernestinho a clemência; - dá mais alegria à peça senhor Ledesma. Deixe sair o espectador aliviado!” (QUEIRÓS, 2008, p. 48) A opinião do conselheiro é para que se perdoe a esposa, na peça; então ele invoca a opinião de Jorge: -” Não lhe parecia que o bom Ernesto devia perdoar?” (QUEIRÓS, 2008, p.48). E Jorge diz: - “Eu, conselheiro? De modo nenhum. Sou pela morte. Sou inteiramente pela morte! E exijo que a mates, Ernestinho!” (QUEIRÓS, 2008, p.48).

Com base neste contexto, os dados são apresentados de acordo com a sequência descrita da vida da personagem Luísa, caracterizada pelas fases namoro, casamento, adultério e morte.

O namoro de Luísa com Basílio na idade juvenil pode ter significado para ela a concretização de todo seu romantismo, pois estava com quem amava, estava feliz, é a materialização do prazer, da fantasia e do amor idealizado:

(...) **Veio o inverno e aquele amor foi-se abrigar ria velha sala forrada de papel sangue-de-boi da Rua da Madalena (...). E eles, muito chegados, muito felizes no sofá!** O sofá! Quantas recordações! Era estreito e baixo, estofado de casimira clara, com uma tira ao centro, bordada por ela, amores-perfeitos amarelos e roxos sobre um fundo negro (QUEIRÓS, 2008, p. 26). (Grifo nosso).

O trecho selecionado apresenta enunciados presentes no discurso que revelam formações discursivas específicas ao movimento literário Romantismo: “aquele amor” e “muito felizes” indicam ser representações do Romantismo, pois comportam em sua essência manifestações subjetivas a concretizar os desejos sonhados – o amor e felicidade.

Com o fim do namoro, houve uma quebra dos sonhos de viver o seu amor romântico: **“Um dia veio o final.** (...) Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criancice...” (QUEIRÓS, 2008, p. 26-27). (Grifo nosso).

O amor romântico transformou-se em solidão, melancolia, enclausuramento e tristeza.

Por sua vez, Jorge, com a morte da mãe, se sente só, triste:

**Quando sua mãe morreu, porém, começou a achar-se só:** era no inverno (...), **um poucodesamparado** (...); à noite, (...) as melancolias lânguidas: estirava os braços com o peito cheio dum desejo; **quereria enlaçar uma cinta fina e doce, ouvir na casa ofrou-frou dum vestido!** Decidiu casar (QUEIRÓS, 2008, p. 21). (Grifo nosso).

Jorge deseja uma figura feminina, na qual possa se abrigar, por isso decide se casar. Os enunciados destacados acima na perspectiva da formação discursiva estabelecem a relação entre o filho presente e a mãe ausente, e incorpora mais uma pessoa à relação, em substituição à mãe, no caso, Luísa.

O noivado com Jorge é representado na passagem:

Tinham passado três anos quando conheceu Jorge. **Ao princípio não lhe agradou.** (...) e sem amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza... Que sensação quando ele lhe disse: **Vamos casar, hein!** (...) disse que sim, ficou como idiota e sentia debaixo do vestido de merino dilataram-se docemente os seus seios. **Estavanoiva, enfim!** (QUEIRÓS, 2008, p. 28). (Grifo nosso).

De acordo com a análise do discurso, “os enunciados relacionam entre si dentro do mesmo discurso”, assim os enunciados **“ao princípio não lhe agradou”, “Vamos casar,**

**heim!”** e **“Estava noiva, enfim!”**, comportam relações múltiplas entre os personagens presentes, Jorge e Luísa, a personagem ausente, a mãe de Jorge e o personagem distante, Basílio.

A formação ideológica presente no discurso **“Estava noiva, enfim!”** pode ser caracterizada como a realização, concretização de uma norma social imputada às mulheres da época, o casamento.

Da mesma forma representa para a mãe de Luísa ter finalmente cumprido a norma social e familiar: **“que alegria, que descanso para a mamã!”** QUEIRÓS, 2008, p.28), portanto, a filha foi encaminhada à vida social e matrimonial.

O casamento de Jorge e Luísa ocorre rapidamente:

Conheceu Luísa, no **verão**, à noite, no Passeio. Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus belos olhos castanhos muito grandes. No **inverno** seguinte, foi despachado, e casou. Sebastião, o seu íntimo amigo, (...) tinha dito (...):  
-- Casou no ar! casou um **bocado no ar!** (QUEIRÓS, 2008, p. 21). (Grifo nosso).

O casamento de Jorge e Luísa conforme citado no discurso, apresenta enquanto formações discursivas, enunciados relacionados entre si. Estes no discurso estabelecem uma nova relação entre Jorge e Luísa. No entanto, essa relação indica ser uma reconstrução de relação estabelecida de Jorge com sua mãe, conforme pode ser verificada na narrativa do autor: **“Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus belos olhos castanhos muito grandes”**.

O que parece justificar essa afirmativa é o tempo decorrido entre o conhecer e o casar de Luísa e Jorge, ou seja, o tempo de uma estação, o Outono. Jorge tinha medo de uma segunda perda, Luísa. Por isso, casou-se rápido. Sebastião afirma: **“casou um bocado no ar”!** (QUEIRÓS, 2008, p. 21).

A personagem Luísa durante seu casamento com Jorge vive uma vida rotineira, sua principal função no casamento é cuidar da casa, pois fora educada para isso.

Quando Jorge viaja a trabalho, Luísa sente uma solidão imensa, com isso fica horas e horas perdida na leitura dos romances que ela lia, conforme mostra o trecho **“mas estava tão farta de estar tão só! Aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a toilette, algum romance... Mas de tarde!”**(QUEIRÓS, 2008, p.59).

Durante a ausência do marido, ocorre a vinda de Basílio, despertando em Luísa recordações do namoro dos dois no passado.

Após a primeira visita de Basílio a Luísa, em que ele lhe conta suas viagens, Luísa começa a pensar:

**Que vida interessante a do primo Basílio!** – pensava. – o que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! **Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances** (QUEIRÓS, 2008, p.68). (Grifo nosso).

Com esse discurso da personagem, o autor da obra parece pretender mostrar a influência do romantismo sobre Luísa.

Percebe-se na obra que Basílio utiliza do discurso Lúdico, amoroso e romântico para persuadir Luísa “Mas é porque te adoro, Luísa! Desde o primeiro dia que te tornei a ver estou doudo por ti, como dantes, a mesma cousa. Nunca deixei de me morrer por ti”. (QUEIRÓS, 2008, p.103) e ainda apresenta a ela o adultério como moda parisiense presente no trecho “depois falou muito de Paris; contou-lhe a moderna crônica amorosa, anedotas, paixões chics. Tudo se passava com duquesas, princesas, de um modo dramático e sensibilizador, às vezes jovial, sempre cheio de delícias. E, de todas as mulheres de que falava, dizia recostando-se: era uma mulher distintíssima, tinha naturalmente o seu amante...”(QUEIRÓS, 2008, p.118).

Luísa é considerada como um sujeito interpelado pela sociedade em seu modo de pensar e agir, pois não consegue se impor diante de algumas circunstâncias.

Sob a influência da amiga Leopoldina e a sedução de Basílio, Luísa não resiste e comete o adultério. Todavia pensava em Jorge, mas não tinha remorso do que fizera a princípio, se sentia tranquila e justificava-se “não fora culpa sua. Não abria os braços a Basílio voluntariamente!”. ”E repetia consigo as atenuações tradicionais: não era a primeira que enganara seu marido; e muitas eram apenas por vício; ela fora por paixão... Quantas mulheres viviam num amor ilegítimo e eram ilustres, admiradas! Rainhas mesmo tinham amantes”. (QUEIRÓS, 2008, p.162).

A seguinte passagem explica a influência dos romances na vida de Luísa - ”ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais!”(QUEIRÓS, 2008, p.173).

Luísa é incapaz de separar fantasias românticas da realidade, ela confunde o amor com suas ideias do que seria o amor, assim percebe um Basílio que na realidade não existe, mas um Basílio fruto de suas idealizações.

Quando o romance de Basílio e Luísa proporciona uma briga entre eles, ela começa a fazer comparações entre Basílio e Jorge:” – que egoísta, que grosseiro, que infame! E é por

um homem assim que uma mulher se perde! É estúpido!”(QUEIRÓS, 2008, p.195) e pensava em Jorge: - “Esse não! Vivia com ela havia três anos – e o seu amor era sempre o mesmo, vivo, meigo, dedicado. Mas o outro! Que indigno! Já a conhecia muito! Ah! Estava bem certa agora, nunca a amara, ele! Quisera-a por vaidade, por capricho, por distração, para ter uma mulher em Lisboa!” (QUEIRÓS, 2008, p.196).

Assim, Luísa começa a vivenciar conflitos, ora pensava em Jorge: - “Um sentimento de vergonha, de remorso; uma compaixão terna por Jorge, tão bom, coitado! Um indefinido desejo de o ver e de o beijar...E era agora sincera naquele momento”(QUEIRÓS, 2008, p.197), ora pensava em Basílio, fugir com ele: “Mas por que se afligia, por fim? Quantas invejariam a sua desgraça! O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer crochê e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! Para Paris!(QUEIRÓS, 2008, p.213).

Mas Luísa sedecepciona quando o romance é descoberto por sua criada, Juliana, que passa a chantageá-la e então ela percebe que Basílio não era o que pensava, pois ele a deixou desamparada com o problema: “– Estás douda, Luísa; tu não estás em ti! Pode lá pensar-se em fugir? Fugir é bom nos romances!(QUEIRÓS, 2008, p.223).

Juliana representa a luta de classes determinada pelo contraste entre sua condição marginalizada e pobre, “classe dominada”, e pela situação confortável da classe à qual serve, os burgueses Jorge e Luísa, “classe dominante”. Essa luta de classes refere-se à crítica que Eça faz na obra em relação à sociedade burguesa lisboeta, sociedade regida por injustiças sociais de acordo com o poder econômico.

Em “O Primo Basílio”, Eça de Queirós evidencia a mulher burguesa através da personagem Luísa, ela fora vítima de uma sociedade que defendia a moral, mas não a praticava, sociedade em que a mulher é um sujeito manipulado pelos homens.

Luísa fora vítima de Jorge e Basílio, ambos representam a classe burguesa. Jorge, marido autoritário, não permite que Luísa tenha a sua opinião respeitada, esse fato é presente na passagem da obra: “Se eu consentir, minha rica. É que é uma questão de gratidão para mim” (QUEIRÓS, 2008, p.23). Nessa passagem Luísa havia dito ao marido sobre a possibilidade de dispensar Juliana como criada da casa. E ele impõe sua decisão sobre a mulher.

Jorge havia recomendado ao amigo Sebastião o cuidado à Luísa enquanto estivesse viajando. No trecho “Porque ela é assim: esquece-se, não reflexiona. É preciso alguém que a advirta” (QUEIRÓS, 2008, p.51). É a representação sobre o que o homem da sociedade

burguesa lisboeta pensa sobre a mulher: um sujeito incapaz de refletir, que deve obediência ao marido sem questionar. Basílio, homem sem escrúpulos, conquistador e desumano.

Luísa também é vítima de Juliana, criada da casa, pobre, que a chantageia para conseguir uma velhice sossegada.

O autor da obra “O Primo Basílio”, Eça de Queirós critica claramente a ideologia da sociedade lusitana do século XIX. Essas críticas se evidenciam na passagem em que Sebastião ouve a confissão de Luísa sobre o adultério e diz: - “Não há más mulheres, minha rica senhora; há maus homens, é o que há!” (QUEIRÓS, 2008, p.322).

O que fica também evidente é o fato de Jorge ter traído Luísa na viagem que fez e essa traição não ser questionada na obra. Isso se deve aos padrões ideológicos de uma sociedade que só condena os erros da mulher, deixando o homem isento de culpa, segundo os cânones da “sociedade machista”.

Portanto, se Luísa é vítima de Jorge, Basílio e Juliana, ela é vítima da sociedade que, na obra, eles representam. O adultério cometido por Luísa levando-a a degradação e morte é de responsabilidade da educação familiar que recebeu em que o casamento por interesse é a única opção de vida para a mulher.

Diante disso, Eça de Queirós critica a sociedade burguesa lisboeta que defende ideologicamente a moral no espaço público, porém no espaço privado isso não ocorre dentro da instituição familiar – casamento.

Por isso, a sociedade burguesa lisboeta é constituída sob bases falsas, “o falso moralismo”, apresentado em “O Primo Basílio” através da conduta da personagem Luísa.

## CONCLUSÃO

O estudo proposto “O discurso de justificação da conduta da personagem Luísa”, em “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós teve como intuito responder à seguinte questão: a conduta da personagem Luísa, em “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós se apresenta como resultado do “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta?

Com base nesse questionamento, foram levantadas hipóteses e traçados objetivos a fim de responder à pergunta.

Concluída a pesquisa, é relevante ressaltar que os objetivos foram alcançados de acordo com a pesquisa e as hipóteses confirmadas, afirmando assim a resposta ao problema.

A personagem Luísa é resultado do “falso moralismo” da sociedade burguesa lisboeta, sociedade que defende valores morais no espaço público, mas que no espaço privado da instituição familiar – o casamento, esses valores morais são velados.

O autor da obra, Eça de Queirós, vivenciou os acontecimentos dessa sociedade e por isso, indignado com a falsidade e hipocrisia em relação aos valores morais, sobretudo ao que se refere à mulher, que fora educada para ter o casamento como única opção de vida, critica arduamente os moldes educacionais, sociais, políticos e econômicos.

É de suma criatividade o que Eça faz: a partir de um assunto – o adultério, ele molda o retrato da sociedade.

Através da personagem Luísa, ele critica também o estilo literário Romantismo, transportando a personagem para a realidade, em que as idealizações românticas, amorosas e felizes são fruto de sua imaginação.

“O Primo Basílio”, além de mostrar todo o contexto da sociedade burguesa lisboeta do século XIX, também proporciona a refletir acerca da sociedade atual do século XXI.

O ser humano pode criar, provocar e mudar opiniões através dos seus discursos, às vezes é preciso perdoar, admitir erros, não ter receio de mudar por medo do preconceito alheio.

Eça de Queirós foi ousado, não teve medo de expôr em “O Primo Basílio” todos os erros de uma sociedade ideologicamente contraditória.

Devido a isso, Eça é um escritor reconhecido e respeitado, escreveu o que viu, sentiu e por julgar que era preciso haver mudanças nesta sociedade, contribuiu com seus escritos para o surgimento do movimento literário Realismo.

Pode ser que o Realismo de Eça não fosse capaz de provocar mudanças nessa sociedade através de sua escrita, mas ele talvez pôde sentir que cumpriu com a sua parte como escritor ao manifestar seu modo de vislumbrar a verdade, desmascarando a hipocrisia reinante.

A personagem Luísa de “O Primo Basílio”, é um ser assujeitado pelas normas sociais do século XIX, normas em que o domínio da vida dela não prevalece e quando ela acredita concretizar seus desejos, é “sequestrada subjetivamente” pelas suas idealizações e crença em um amor que julga ser real.

Sendo assim, a conduta da personagem Luísa em relação ao adultério justifica-se e ela não é culpada pelas suas atitudes.

## REFERÊNCIAS

ALEKSANDRAVICIUS, Maisa. **Brasil e Portugal**: reflexões em torno da saudade. (2007). Disponível em:

<[http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3\\_coloquio\\_outubro/paginas/22.htm](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3_coloquio_outubro/paginas/22.htm)>; Acesso em: 06 jun. 2008.

BARROS, Elenir Aguilera de. Realismo: Prosa de ficção. In: MASSAUD, Moisés (Org.). **A literatura portuguesa em perspectiva**: Romantismo e Realismo. 3. ed. São Paulo: Atlas, [2001?].

BELLINE, Ana Helena Cizotto. **Roteiro de leitura**: O Primo Basílio de Eça de Queirós. São Paulo: Ática, 1997.

BITTENCOURT, Roberto Nunes. **Transgressão e morte em “O Primo Basílio”, de Eça de Queiroz**, [2007?]. Disponível em:<<http://www.filologia.org.br/ivcluerj-sg/anais/iii/completos%5Ccomunicacoes%5Crobertonunes.pdf>> ; Acesso em: 17 maio 2008.

BUENO, M. R. P. **Análise do discurso de linha francesa**: preliminares, 2006. Disponível em: <[http://www.unisal-lorena.br/nova/cidinha/marc\\_artigo1.doc](http://www.unisal-lorena.br/nova/cidinha/marc_artigo1.doc)>; Acesso em: 10 jun. 2008.

CASSOL, Vera Fátima Gobbi. **O público e o privado nas obras**: O Primo Basílio e O Crime do Padre Amaro. 2006. Disponível em: <<http://www.ceedo.com.br/agora/94verafgcassolprimobasilio.pdf>>; Acesso em: 17 maio 2008.

CELLIGOI, Maria Clara. **Realismo Português**, obra: O Primo Basílio Autor: Eça de Queirós, [2004?]. Disponível em: <<http://www.verdestrigos.org/arquivos/primobasilio.pdf>>; Acesso em: 17 maio 2008.

FERRAZ, Maria de Lourdes A. Visibilidade e arte em Eça de Queirós. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 4. n. 8, p. 121-127, 1º sem. 2001.

FIGUEIREDO, Mônica do Nascimento. Luísa e uma história de corpos desabrigados: a propósito de O Primo Basílio de Eça de Queirós. In: DUARTE, Lélia Parreira; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de (Org.). **Encontros prodigiosos**: Anais do XVII Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa – vol. 2. Belo Horizonte: FALE-UFMG / PUCMG, 2001.

FOGAÇA, F. C. Formações discursivas polêmicas nos bastidores dos debates sobre educação. **Revista Linguagem & Ensino**, Londrina/PR, v.10, n.2, p. 395-413, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v10n2/03Fogaca.pdf>>; Acesso em: 8 jun. 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GUALDA, Linda Catarina. Representações do feminino em O Primo Basílio e Dom Casmurro. In: **SOLETRAS**, Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação

de Professores da UERJ. n. 13, 1º semestre, p. 152-170, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/13/14.htm>>; Acesso em: 20 abr. 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. 2. reimp. Campinas/SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas/SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUNCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. **O Primo Basílio**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Martin Claret, 2008.

RUESCAS, Jesus. (Org.). **Português Prático**: ensino fundamental, ensino médio, vestibular, faculdade. São Paulo: Sivadi, 2000.

SANTOS, Vanessa dos; STROTHMANN, Graziela. Personagens femininas: retrato da mulher portuguesa. In: **ANAIS do II Colóquio Leitura e Cognição**. Santa Cruz do Sul/RS, 2007? Disponível em: <[http://www.unisc.br/cursos/pos\\_graduacao/mestrado/letras/anais\\_2coloquio/personagens\\_femininas.pdf](http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/personagens_femininas.pdf)>; Acesso em: 20 abr. 2008.

SILVEIRA, Francisco Maciel. Realismo: preliminares. In: MASSAUD, Moisés (Org.). **A literatura portuguesa em perspectiva**: Romantismo e Realismo. 3. ed. São Paulo: Atlas, [2001?].

VALENTIM, Jorge. O Primo Basílio ou um irônico requiem para o romantismo. **ANAIS da Abralic**, [2007?]. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/25/805.pdf>>; Acesso em: 17 maio 2008.